



NOTAS CURRICULARES | CURRICULAR NOTES





ÁLVARO SILVEIRA FALEIROS: Full professor in Poetics of Translation at the University of Sao Paulo (USP). He is a productivity grantee from CNPq. As a poet and translator, he researches poetry translation in Brazil. His most recent poetry books are *Caracol de nós* and *À flor do mal* (2018, Demônio Negro). As a translator, he has published, among others, *Feitiços* [charmes], by Paul Valéry (with Roberto Zular, Iluminuras, 2020). Paulo Rónai Award for Best Translation from the National Library), *Caligramas* by Guillaume Apollinaire (Ateliê/UnB, 2nd ed. 2019), and *Um lance de dados* by Mallarmé (Ateliê, 3rd ed. 2023). His notable works as a translation critic include: *Perspectivas de la traducción poética en Brasil* (Mexico, E1, 2022); *Traduções canibais: uma poética xamânica do traduzir* (Cultura e Barbárie, 2019), also released in Colombia in 2019 (Editorial Universidad de Los Andes/Editorial Universidad de Antioquia); *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert* (with Thiago Mattos, Rafael Copetti, 2018) and *Traduzir o poema* (Ateliê, 2012).

ANA SALGUEIRO é doutoranda em Estudos de Cultura na Universidade Católica Portuguesa (UCP), mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas - Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC-UCP) e colaboradora no UMA-CIERL. O seu trabalho ocupa-se dos sistemas culturais da Macaronésia Lusófona, abordando questões como: o exílio e a mobilidade humana, cultural e textual; as implicações entre cultura e poder; a relação entre fenómenos culturais, imaginários e fenómenos naturais. Tem vários livros editados em coautoria e é cofundadora e atual coordenadora da revista *TRANSLOCAL. Culturas contemporâneas locais e urbanas*. Em 2023, integrou “FERTILE FUTURES”, projeto que representou oficialmente Portugal na 18ª Exposição Internacional de Arquitetura, La Biennale di Venezia.

AURELIO ARTURO nasceu em 1906, na pequena cidade de La Unión, no departamento de Nariño, situado no extremo sudoeste da Colômbia, longe da capital e dos conflitos civis que marcaram o séc. XX colombiano. Aí viveu a infância, integrado num mundo rural em contacto com a natureza, que revisitará na sua obra literária. Nos anos 1920, já em Bogotá, estuda direito na Universidade Externado de Colombia, dando início à criação literária que desenvolve discretamente, publicando-a pontualmente e muitas vezes sob pseudónimo em jornais e revistas. Terminado o curso, inicia a sua carreira na magistratura, vindo também a exercer vários cargos políticos (na área do trabalho, da educação e da cultura) e a enveredar pela diplomacia, neste último caso sobretudo na área da cultura. As funções diplomáticas conduziram-no à atividade tradutória que rapidamente se estendeu à tradução de poesia contemporânea de língua inglesa, que terá estimulado a sua própria criação poética. Fundou e dirigiu a revista literária radiofónica *Voces del Mundo*, que incentivou novos escritores colombianos à criação literária. Autor de um discurso poético muito singular e com uma personalidade que evitava as rotinas grupais da cena literária colombiana, apenas editou o seu primeiro e último livro de poesia – *Morada al sur* – em 1963, que, nesse mesmo ano, recebeu o Prémio Nacional de Poesía Guillermo Valencia. *Morada al sur* reúne 14 poemas escritos entre 1945-1963, que, até então, se encontravam dispersos em revistas e jornais, e onde se destaca a nostalgia da terra natal, num registo poético que hoje poderia talvez ser considerado próximo da ecopoesia, pela representação da natureza como local de acolhimento dos seres humanos, irmanados com outras espécies igualmente sensíveis. Faleceu em Bogotá a 24.11.1974. Em 1977, o Instituto Colombiano de Cultura publicou uma nova edição acrescentada de *Morada al sur*, com outros textos de Arturo, escritos entre 1931-1960.

CARLOS BATISTA nasceu em França, em 1968. É licenciado em literatura moderna (Universidade Paris X). É professor de literatura francesa, tradutor de literatura por-



NOTAS CURRICULARES | CURRICULAR NOTES

tuguesa, principalmente da obra de António Lobo Antunes. É também autor de dois romances e de um livro sobre a tradução.

CLARA CUÉLLAR DOS SANTOS: licenciada em Tradução pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2023). Das suas traduções, destaca-se *Fernando Pessoa: A Critical Introduction*, de Jerónimo Pizarro (Sussex Academic Press, 2020).

DALILA TELES VERAS: nome literário de Dalila Isabel Agrela Teles Veras, nasceu no Funchal, Portugal. Vive no Brasil desde a infância. Publicou mais de duas dezenas de livros nos gêneros poesia, crônica, diários e ensaio: *Fuga e urgências*, 2022, *tempo em fúria*, 2019, *a mulher antiga*, 2017, *SETENTA anos poemas leitores*, 2016, e *solitões da memória*, 2015, são os mais recentes. Em 2019 foi distinguida com o título de *Doutora Honoris Causa* pela Universidade Federal do ABC, SP. Dirige a *Alpharrabio* Livraria, Editora e Espaço Cultural, em Santo André – SP desde 1992.

DARÍO JARAMILLO AGUDELO nasceu em Santa Rosa de Osos (Antioquia, Colômbia), em 1947. Estudou em Medellín e em Bogotá, tendo-se formado em direito e economia na Universidad Javeriana de Bogotá. Desempenhou vários cargos culturais em organizações estatais de relevo na Colômbia e foi membro dos conselhos de redação da revista *Golpe de Dados* e da fundação privada *Simon y Lola Guberek*. Em 1974 publicou *Histórias*, o seu primeiro livro de poesia, logo seguido, em 1978, por *Tratado de retórica* (a que foi atribuído o Premio Nacional de Poesía de Colombia) e outros livros posteriores, que viriam a ser reeditados em versões completas e atualizadas da sua obra poética, como *77 poemas* (Universidad Nacional, 1987), *127 poemas* (Universidad de Antioquia, 2000) y *Libros de poemas* (Fondo de Cultura Económica, 2003). Em 2023 publicou o seu mais recente livro de poesia, *Conversaciones con Dios*, sendo hoje considerado um dos mais relevantes poetas colombianos da segunda metade do século XX, tendo o seu discurso lírico, marcadamente intimista, contribuído para a renovação da poesia colombiana de temática amorosa. Para além de poeta, Darío Jaramillo Agudelo é também ficcionista, destacando-se na sua obra, entre outros romances, *La muerte de Alec* (o seu primeiro romance, publicado em 1983), *Historia de Simona* (Premio de Novela Corta “José María de Pereda” de 2010, publicado em 2011) e *Indagación sobre los fantasmas* (o seu mais recente romance, publicado em 2022). A sua obra literária inclui ainda outros gêneros, próximos do registo autobiográfico e do ensaio, tendo sido galardoada com vários prémios, entre os quais se encontra o “Premio Internacional de Poesía Federico García Lorca”, em 2018.

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE: Professora na área de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Ensaísta, escritora e tradutora. Traduziu, entre outros, James Joyce, Gertrude Stein, Leonora Carrington, Cecilia Vicuña, Edward Lear e Eugène Ionesco. Tem livros publicados na área de tradução, teoria literária, teatro e literatura infantil e juvenil. Lidera o grupo de pesquisa Estudos Joycianos no Brasil com Vitor Alevato do Amaral e é membro do Núcleo de Pesquisa de Estudos sobre Samuel Beckett (USP). waltrickdoamarantedirce@gmail.com.

EDMUNDO DE BETTENCOURT nasceu no Funchal a 07.08.1899, cidade onde iniciou os estudos que, em 1919, seriam continuados na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, apesar de nunca ter concluído o curso. A passagem por Coimbra foi, porém, determinante para o seu percurso artístico. Aqui se iniciou como compositor e intérprete da canção de Coimbra, faceta (também literária) por que ficou mais popularizado. Também em Coimbra conviveu com uma ativa e nova geração de autores literários que, em 1927, viriam a lançar a revista *presença*, cujo título foi proposto por Edmundo de Bettencourt e onde colaborou intensamente entre 1927-1930, com



poemas, ensaios e fotografias. Em 1930, a *presença* viveu uma crise interna que levaria Bettencourt, Branquinho da Fonseca e Miguel Torga a afastarem-se do projeto e dos restantes presencistas (nomeadamente de José Régio e João Gaspar Simões), por considerarem estar em curso um desvio dos princípios modernistas de liberdade artística, de arrojo criativo e de espírito crítico que os tinham conduzido à fundação da revista. Apesar da cisão, publicou ainda pelas Edições Presença, em 1930, *O Momento e a Legenda*, o seu primeiro livro de poemas (compostos entre 1917-1930), onde, segundo os críticos, o subjetivismo e a narratividade surgem associados a um tom decadentista e paúlco. Nesse mesmo ano passou a residir em Lisboa, trabalhando primeiro como funcionário público (de que seria afastado por participar no MUD – Movimento de Unidade Democrática) e, depois, como delegado de propaganda médica. Afastado das dinâmicas de grupo e publicando poesia escassamente e de forma dispersa depois de 1930, só em 1963 voltou a publicar um livro: *Poemas: 1930-1962*, onde reuniu o livro já publicado em 1930 e outros posteriores que haviam permanecido inéditos – *Rede Invisível* (1930-1933); *Poemas Surdos* (1934-1940); e *Ligação* (1936-1962). *Poemas: 1930-1962* contou com um iluminador prefácio de Herberto Helder que viria a ser decisivo na revalorização da obra de Bettencourt. A poesia reunida neste novo livro dava voz a uma escrita marcadamente imagética e próxima do sonambulismo surrealista, embora sem sinais de automatismo ou desarticulação sintática. Faleceu a 01.02.1973, em Lisboa.

FELIPE CAMMAERT é investigador do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLLC/DLC, UA). É Doutor em Estudos Românicos e Literatura Comparada pela Universidade Paris-Nanterre. Foi investigador em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2018-2021) e na Biblioteca Nacional da Colômbia (2015-2016), entre outros. Tem sido docente nas Universidades de Picardie (França), Los Andes (Colômbia) e Lisboa e Aveiro (Portugal). É tradutor literário do francês e do português de autores contemporâneos para a América Latina. Publicou recentemente, além de outros artigos científicos, o volume *Passados Reapropriados: Pós-memória e Literatura* (Afrontamento, 2022).

HERBERTO HELDER nasceu a 23.11.1930 no Funchal, onde iniciou o curso liceal, concluído em Lisboa, em 1948. Inscreveu-se, então, no curso de Direito na Universidade de Coimbra, embora no ano seguinte transferisse a matrícula para o curso de Filologia Românica, que frequentou entre 1949-1952, sem que o tenha terminado. Na década de 1950, entre Lisboa e Madeira, exerceu várias profissões. Nos anos 1960, viajou pela Europa, experienciando o submundo de algumas cidades francesas, holandesas e belgas, cujos universos ecoam na sua obra. Entre 1971-1972 viveu em Angola, onde, com diversos nomes, colaborou no *Notícia - Semanário Ilustrado*, com crónicas, reportagens e outros textos. Após um acidente grave, regressou a Lisboa, onde trabalhou em editoras, na RDP e em vários projetos editoriais. A sua atividade literária iniciou-se no Funchal, onde participou na designada Tertúlia Ritziana, da qual resultaria, em 1952, a publicação do seu primeiro livro coletivo – *Arquipélago*. Este grupo integrou, para além de António Aragão e outros, Jorge de Freitas e Carlos Camacho, com quem viria a publicar, em 1954, a iconoclasta antologia *Poemas Bestiais*, procurando agitar a estagnada cena literária insular. Será ainda com António Aragão que, em 1964 e 1966, organiza os cadernos antológicos *Poesia Experimental* (o segundo, também com E. M. de Melo e Castro). Nunca se assumiu como poeta experimental (ou surrealista, apesar da proximidade que manteve com os surrealistas de Lisboa), devendo a sua participação nestes cadernos ser antes entendida no âmbito do interesse que sempre manifestou pela procura dos limites da linguagem e de novas vias para a poesia portuguesa. Em 1958 publicou *O Amor em Visita*, o primeiro dos seus muitos livros individuais de poesia. Em 1963, lança *Os passos em volta*, seu primeiro livro de prosa. Em Lisboa (e apesar de avesso aos rituais mundanos da vida literária), foi um assíduo frequentador de tertúlias com amigos, destacando-se as do Café Gelo, onde conviveu com um vasto leque de



artistas portugueses. Em 1973 reuniu em *Poesia Toda* os seus anteriores livros de poesia, num processo de contínua revisão, atualização e reescrita que o conduzirá até *Poemas Completos* (2014), livro que foi passando por outras versões e títulos (*Ou o poema contínuo*, 2001; *Ofício cantante: poesia completa*, 2009). É também como gesto de reescrita e apropriação recreativa de textos de outros que podemos ler os *poemas mudados para português*, oriundos de povos e culturas ancestrais e distantes. Também nestes casos, a (re)descoberta/reinvenção da palavra corresponde à redescoberta/reinvenção do mundo. Helder faleceu em Cascais, a 23.03.2015.

HUGO BARROS (Póvoa de Varzim, 1989) é arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, FAUP (2013). Entre 2011 e 2012, frequentou, ao abrigo do programa ERASMUS, a Accademia de Architectura di Mendrisio, na Suíça. De 2012 a 2013, trabalhou no atelier David Chipperfield Architects, em Londres, Inglaterra. Em 2015, fundou o ATELIERDACOSTA, cujo trabalho tem sido difundido em diversas revistas, colóquios, conferências, exposições e programas de televisão e rádio. De 2012 a 2014, co-editou o 8.º número da *Revista Unidade*. Em 2014, foi assistente convidado do Porto Academy. Dos vários prémios e nomeações recebidos, destaca-se o mais recente, Prémio Jovens Arquitectos 2023, que venceu com a obra “Casa de Férias”, em Gemeses, Esposende.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO nasceu a 22.03.1897 no Funchal, onde começou a publicar poesia e prosa na imprensa periódica (1913). Em 1915 iniciou o curso de direito na Universidade de Lisboa, tornando-se amigo de um dos fundadores da revista *Orpheu* (Alfredo Guisado). O seu primeiro livro de poesia, *As três princesas mortas num palácio em ruínas*, que Pessoa classificou como *sensacionista*, foi lançado em 1916. Inaugurou, assim, uma ativa participação no movimento d’os *novos*, que se estenderá até aos anos 1920, em Lisboa, Funchal e Coimbra, cidades onde esteve envolvido em projetos e polémicas que procuraram a modernização cosmopolita da cultura portuguesa, contra o academismo anquilosado, o nepotismo e a abulia acrítica dominantes no país. Neste sentido, publicou várias narrativas breves, sob autorias fictícias, no *Diário da Madeira* e no *Restauração* de Coimbra, onde a provocação iconoclasta e a experimentação de novos géneros e de registos discursivos inusitados se evidenciavam. Nos anos 1920, destacou-se na cronística e em outros textos jornalísticos, por vezes de temática historiográfica. Antecipou, assim, a criação do Arquivo Distrital do Funchal em 1931, de que foi um dos fundadores e o primeiro diretor. Os livros de poesia publicados nos anos 1920 foram reunidos em 1969, em *Descaminho*, coletânea cujo título sinalizava a deriva e o autoquestionamento que marcaram este seu período literário. *Litoral* (1932) marca o início da sua fase de maturidade poética. Em 1963 reúne em *Cancioneiro*, todos os livros editados entre 1932 e 1955, ano da edição de *Fábulas*, último livro de poemas inéditos. Contudo, em 1976, publica “uma nova edição acrescentada” de *Cancioneiro*, integrando “Outras poesias dispersas” posteriores a 1955, algumas com referências a Angola, onde viveu duas vezes nos anos 1960. Em *Cancioneiro*, para além do forte investimento na depuração discursiva, mantém-se o diálogo entre tradição e modernidade e destaca-se o tratamento de questões como a condição exílica do sujeito moderno (temática revisitada desde a poesia dos anos 1910), ou a crise da palavra e da poesia no mundo contemporâneo, em ruínas e desnorte. Acompanhou, assim, as ocupações estéticas e éticas que marcaram a poesia portuguesa de meados do século XX. Colaborou na fundação de várias publicações periódicas (p. ex.: *Ícaro*, *Restauração*, *Arquivo Histórico da Madeira*, *Cadernos de Poesia*) e foi um dos mais prolíferos tradutores portugueses no período do Estado Novo, lutando contra o isolamento cultural promovido pelo regime. Faleceu em Lisboa a 02.03.1978.

JERÓNIMO PIZARRO: Professor, tradutor, crítico e editor, Jerónimo Pizarro é o responsável pela maior parte das novas edições e novas séries de textos de Fernando



Pessoa publicadas em Portugal desde 2006. Professor da Universidade dos Andes, titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia e Prémio Eduardo Lourenço (2013), Pizarro voltou a abrir as arcas pessoais e redescobriu *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, para utilizar o título de um dos livros da sua bibliografia. Foi o comissário da visita de Portugal à FILBo (Bogotá, 2013) e à Fiesta del Libro (Medellín, 2022) e coordena há vários anos a visita de escritores de língua portuguesa à Colômbia. Edita a revista *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*.

JUAN MANUEL ROCA é um poeta, narrador, ensaísta, crítico de arte e jornalista cultural colombiano. Nasceu em Medellín a 29.12.1946, embora tenha vivido a sua infância e adolescência em Paris e no México. Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI contribuiu decisivamente para a formação de uma nova geração de poetas e leitores colombianos, quer através de publicações periódicas como a revista de poesia *Clave de Sol* ou o *Magazín Dominical*, suplemento cultural do jornal *Espectador*, onde teve um papel muito ativo entre 1988 e 1999; quer através da dinamização da oficina de poesia da Casa de Poesía Silva, que dirigiu entre 1986 e 2011. Inaugurou o seu percurso poético nos anos 1970, com a edição de livros como *Memoria del agua* (1973), *Luna de Ciegos* (1975, Premio Nacional de Poesía Universidad de Antioquia) ou *Señal de cuervos* (1979). A sua poesia (onde alguns críticos sublinham a importância da imagem, de um certo surrealismo e a presença de um criativo diálogo com outros autores) continuou a ser publicada, traduzida para várias línguas e premiada. A livros de poesia como *Los cinco entierros de Pessoa* (2001), *La hipótesis de Nadie* (Premio Nacional de Poesía Ministerio de Cultura, 2004) *Biblia de pobres* (2009), *Passaporte del apátrida* (2012) ou *El beso de la Gioconda* (2015), juntam-se outros de narrativa (*Prosa reunida*, 1993; *Las plagas secretas y otros cuentos*, galardoado com o Premio Nacional de Cuento Universidad de Antioquia, 2000; *Genaro Manoblanca, fabricante de marimbas*, 2013; ...) e de ensaio (*Museo de encuentros*, 1995; *Cartógrafa memoria*, 2003; *Galería de espejos. Una mirada a la poesía colombiana del siglo XX*, 2012; ...). Entre outros prémios, recebeu, em 1993, o Premio Nacional de Periodismo Simon Bolívar e, em 2021, o Premio Vida y Obra concedido pelo Governo da Colômbia.

MARÍA MERCEDES CARRANZA nasceu a 24.05.1945 em Bogotá, cidade onde se licenciou em Filosofia e Letras na Universidad de los Andes, ainda que tenha vivido parte considerável da sua infância em Espanha e no Chile, uma vez que era filha do poeta e diplomata colombiano Eduardo Carranza. O contexto familiar favoreceu, assim, um precoce contacto com culturas diferentes e com a atividade literária do pai e de outros escritores do seu ciclo de amigos. Uma situação que terá certamente condicionado a sua incursão na criação literária e o trabalho que desenvolveu como jornalista, sobretudo orientado para a divulgação e a crítica literária. Foi responsável por vários suplementos literários como, p. ex., “Vanguardia” e “Extravagario” no jornal *El Pueblo de Cali*; ou a secção de crítica na revista *Semana*. Dirigiu a Casa de Poesía Silva entre 1986 e 2003 (ano da sua morte), instituição evocativa da obra do poeta finissecular colombiano José Asunción Silva, fundada com o propósito de fomentar o estudo e a divulgação da poesia colombiana e estrangeira. Nesta mesma instituição, criou a revista literária *Casa Silva* que viria a ter relevância. Não descurou a ação cívica e política: apoiou o Movimiento Nuevo Liberalismo e, em 1991, integrou a Asamblea Nacional Constituyente, representando a Alianza Democrática M-19; liderou também uma campanha pela paz na Colômbia e pela libertação das pessoas sequestradas pelas FARC, entre as quais se encontrava o seu irmão Ramiro Carranza. O seu primeiro livro de poesia, *Vainas y otros poemas*, data de 1972, seguindo-se-lhe outros, entre os quais destacamos: *Tengo Miedo* (1983); *Hola, Soledad* (1987); *Maneras de desamor* (1993); e *El Canto de las Moscas* (1998), onde, em curtos poemas e procurando o rigor da palavra, aborda a violência devastadora vivida no seu



NOTAS CURRICULARES | CURRICULAR NOTES

país. Também escreveu contos e organizou antologias, tendo ainda publicado, em 1985, uma coletânea com poesia do seu pai - *Carranza por Carranza* -, acompanhada por um estudo crítico sobre esta obra. Sofrendo de uma grave depressão, suicidou-se a 11.07.2003, no seu apartamento em Bogotá.

MARIA SILVA PRADO LESSA é Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora de literatura. Publicou diversos ensaios dedicados à poesia portuguesa e ao surrealismo, com destaque para a obra de Mário Cesariny. É autora do livro *Mário Cesariny: a obra ou a vida* (Documenta/Fundação Cupertino de Miranda, 2022). Atualmente, desenvolve o projeto de Pós-Doutorado “Experiência de poesia: um projeto poético para tempos de indigência”, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, voltado para o ensino de leitura de poesia no período do pós-pandemia.

PATRÍCIA LAVELLE é poeta, professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e pesquisadora do CNPq, doutora pela EHESS de Paris, cidade onde morou entre 1999 e 2014. É autora de ensaios publicados no Brasil e na França. Estreou em poesia com *Bye bye Babel*, também editado no Brasil (7Letras, 2018/2022) e na França (Les presses du réel, 2023). *Sombras longas* está no prelo (Relicário). Participou das antologias *Um Brasil ainda em chamas* (Contracapa, 2022), *Brésil - Poésie intraitable* (Les presses du réel, 2022) e *Poetas contemporâneas do Brasil* (Unicamp/p-o-e-s-i-e.org, 2021). Tem contribuído com poemas e traduções de poesia para as revistas francesas *Po&sie* e *Place de La Sorbonne*, e para publicações brasileiras como *Cult*, *Pessoa* e *Rascunho*.

PAULO FARIA nasceu em Lisboa, em 1967. É, há longos anos, tradutor literário, tendo traduzido escritoras como Jan Morris, Emily Brontë, Jane Austen, Katherine Anne Porter e Willa Cather, e escritores como Cormac McCarthy, Don DeLillo, Jack Kerouac e George Orwell. Em 2015, venceu o Grande Prémio de Tradução da Associação Portuguesa de Tradutores e da Sociedade Portuguesa de Autores pela tradução de *História em duas cidades*, de Charles Dickens. Em 2022, recebeu uma menção honrosa no Grande Prémio de Tradução da APT e da SPA pela tradução de *Trieste*, de Jan Morris. Publica esporadicamente textos no jornal *Público*. Com o seu segundo romance, *Gente acenando para alguém que foge* (Minotauro), venceu o Prémio Autores 2021 da Sociedade Portuguesa de Autores: Melhor Livro de Ficção Narrativa. Publicou recentemente o seu quarto romance, *Louvado seja o pesadelo* (Minotauro).

PAULO NÓBREGA SERRA: Agente de Cooperação e Professor Convidado na Universidade Nacional Timor Lorosae no Projeto FOCO.UNTL (Camões I. P) – Centro de Língua Portuguesa, desde fevereiro de 2020. Doutorado em Literatura com a tese *O realismo mágico na obra de Lídia Jorge, João de Melo e Hélia Correia*. Mestre em Literatura e mestre em Ensino do Português e das Línguas Clássicas. Colaborador do *Expresso*, *Cultura.Sul* e *Postal do Algarve*. Docente do Instituto Camões em Gaborone na Universidade do Botsuana e na SADC; Chefe do Departamento de Português (2014-2017). Coordenador do Centro Cultural Português – Camões, polo da Beira (Moçambique) e dos Centros de Língua Portuguesa (Beira e Quelimane). Docente de Didáctica do Português na Universidade Pedagógica da Beira (2017-2020).

PIEDAD BONNETT es licenciada en Filosofía y Literatura de la Universidad de los Andes y fue profesora en esta Universidad de 1981 a 2010. Tiene una maestría en Teoría del Arte y la Arquitectura en la Universidad Nacional de Colombia. Ha publicado ocho libros de poemas. Con el primero de ellos, *De círculo y ceniza*, recibió mención de honor en el Concurso Hispanoamericano de Poesía Octavio Paz; con *El hilo de los días* ganó el Premio Nacional de Poesía otorgado por el Instituto Colombiano de Cultura, Colcultura, en 1994; con *Explicaciones no pedidas*, publicado en 2011 por Editorial Visor en España, ganó el premio Casa de América de Madrid de poesía americana y



Casa de las Américas 2013. En octubre de 2012 recibió el Premio de poesía Poetas del Mundo Latino Víctor Sandoval en Aguascalientes, México, por el aporte de su obra a la lengua española. Y en noviembre de 2016 recibió el Premio Generación del 27, en Málaga, España, por su libro inédito *Los habitados*. Tiene, entre otras antologías, *No es más que la vida*, publicada por Arango Editores, en Colombia, *Antología*, en Pequeña Venecia, Venezuela, *Lo demás es silencio*, en España por Editorial Hiperión y *Los privilegios del olvido*, Fondo de Cultura Económica, Bogotá. *Las herencias* fue publicado en diciembre de 2008 por Editorial Visor, en su nueva colección Palabra de honor. Piedad Bonnett es autora, además, de seis obras de teatro montadas por el Teatro Libre de Bogotá, de cinco novelas en el sello Alfaguara: *Después de todo*, publicada en 2001; *Para otros es el cielo*, en 2004; *Siempre fue invierno*, en 2007; *El prestigio de la belleza*, en abril de 2010; *Donde nadie me espere*, en 2018; y un libro de no ficción sobre la enfermedad y muerte de su hijo, *Lo que no tiene nombre*, 2013. Poemas suyos han sido traducidos al inglés, francés, italiano, griego, portugués y sueco.

RITA ALMEIDA SIMÕES nasceu em Lisboa, em 1982. É licenciada em Estudos Portugueses e pós-graduada em Edição de Texto (Universidade Nova de Lisboa). Foi atleta profissional de meio-fundo durante cerca de 15 anos, ganhando vários títulos nacionais e internacionais e representando a seleção nacional portuguesa. É tradutora de inglês, francês e espanhol e revisora linguística profissional desde 2003. Começou por colaborar com empresas de tradução técnica nacionais e internacionais e depois dedicou-se ao mercado editorial português, trabalhando para empresas como Tinta-da-China, Dom Quixote, Asa, Ponto de Fuga, Quetzal, Alfaguara, Gradiva, Livros do Brasil, Principia, Presença, Sextante, entre outras. Como tradutora, tem vertido autores como Alberto Manguel, William Maxwell, Jenny Diski, Pat Barker, Almudena Grandes, Beatriz Sarlo, Bram Stoker, Rachel Ingalls, George S. Schuyler, Dubravka Ugresic, entre outros.

RITA BUENO MAIA é professora auxiliar na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura. As suas áreas de investigação incluem História da Tradução, Tradução e Exílio e Tradução Indireta. Encontra-se a investigar a tradução da prosa de Voltaire em exílio português. Como tradutora literária, publicou recentemente traduções de dramaturgia argentina contemporânea. Publicações recentes incluem: MAIA, R. B. (2021). “The Picaresque Novel as Eclectic Translation: Constructing Heteroglossia”, *Iberian and Translation Studies: Literary Contact Zones*, Liverpool University Press; e PIĘTA, H, MAIA, R.B. & TORRES-SIMÓN, E. (2022) *Indirect Translation Explained*, Routledge.

TERESA JARDIM (ou Teresa M. G. Jardim) nasceu no Funchal em 1960. Exerce funções docentes em Artes Visuais. Desenvolve curadoria independente e, desde 1976, participa em exposições colectivas (mais de meia centena), com desenho, pintura, fotografia, instalação, performance e dinâmicas em “campo expandido”, onde integra a vocação visuo-plástica da poesia. Neste âmbito vem criando livros únicos, fora de formato. Participou nas exposições da I e da II *Jornada Internacional de Poesia Visual*, São Paulo, Brasil. Exposições individuais: 1984 – *porque te amo*, Galeria ISAD; 1997 – *Jogos de Adivinhação*, Galeria da SRTC; 2001 – *eu vivo aqui*, SRTC; 2011 – *Alguns poemas dispersos e uma parede só para mim*, Museu de Arte Contemporânea do Funchal; 2019 – *este poema*, Mudar. Museu de Arte Contemporânea da Madeira; 2021 – *Dar a palavra*, Espaçomar; *Pulmão de papel*, Capela da Boa Viagem, Funchal. Publicou os livros *Anjos de Areia* (1993) e *Jogos Radicais* (2010). Colabora em antologias e revistas de poesia: *Cadernos Santiago*, *Eufeme*, *Lógos*, *Nervo*, *Bufo*, *Telhados de Vidro*.

VÍTOR MAGALHÃES (1971) é docente na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira e artista visual. A sua prática artística desdobra-se em diferentes meios e os seus projectos atravessam as seguintes questões/metodologias:



interrupções nos processos de memória vinculados a uma reflexão quase-arqueológica, não sistemática, e crítica dos modos de representação e de conhecimento; a desconstrução fenomenológica dos objetos e dos lugares; os dispositivos transnarrativos da imagem e da palavra; as relações paradoxais entre texto e imagem; e a prática conceptual diagramática. Tem participado em diversos projetos artísticos individuais, colectivos e colaborativos em Portugal e fora do país. + info. em: <http://www.v-magal.com>

